



Publica-se nas quintas feiras de cada semana, na Typographia LIBERAL em Oeiras. Subscreeve-se, vende-se na Loja de T. G. Burlamaque, rua do Norte, a 8\$000 por anno, e proporcionalmente por mestre, e trimestre; numeroz avulços a 200 rs.

Admonere volumus, non mordere,
Prodesse, non laedere.
Queremos admoestar, não morder;
Ser uteis, e não offender.

Erasmus.

COMMUNICADO.

A escravidão, e o recrutamento.

É meu intento mostrar, que entre nós, os brasileiros, muito se assemelham a—escravidão, e o recrutamento.

Podarei acaso chegar a esta demonstração? Vejamos.

Farei somente comparação simples, e direi em que me fundo.

O negociador de carne humana val arrancar dos sertões d'África, a troco de terras o homem livre para o reduzir ao misero e degradante estado de escravo, sem compaixão, e sem piedade.

O pobre negro é all agarrado a força pelos seus proprios patricios, movidos da vil cobiça, e para isso empregão já o meio de guerras fomentadas de proposito entre os diferentes regulos do paiz; já a satisfação de odios particulares nas mesmas tribus; e já arditamente o recíproco roubo para saziarem a cede que os devora de possuir as bugigangas, que recebem de homens, ainda mais barbaros que elles, em troca do seu semelhante, e muitas vezes de seus proprios filhos, pais, mães, irmãos, e avilgos.

O desgraçado destinado ao captivo é manietado, e conduzido a presença do comprador deshumano, que o examina, accelta ou refuga, apreça e paga, como se tratasse de negociar uma besta de carga; depois, mettido em ferros no porão dos navios; lançado a gabel, trapilho, e mirrado de fome, de molestias, é transportado á terras estranhas, morrendo aos centos nessa viagem, sem achar no seu algoz um sentimento de compaixão!

O que chega a escapar do tromento desse transporte, entra em uma vida de nova tyrannia, porque passa a ser entregue ao azurrague de outro comprador, que em regra geral não é, nem menos desumano, nem menos barbaro do que o primeiro.

É assim que o homem d'África perde a sua liberdade natural, e trucidado pela tyrannia de outro homem, vive perpetuamente na abjecta e vil condição de escravo!

Raramente obtém esse infeliz a ventura de reaver a sua liberdade, e só a consegue, ou pelo producto de suas horas de descaço, que emprega com assiduo trabalho com essas vistas, quando lha concede o senhor; ou por uma conducta exemplarissima, quando encontra um senhor benigno, que lha recompensa; ou finalmente por humanidade do possuidor, pois que nem todo o homem constituido senhor do seu proximo, por essa terrivel aberração do direito do forte contra o fraco, tem perdido o preceito religioso, que ensina—amai ao proximo como ati mesmo.

Se o desventurado negro procura na fuga alivio ao seu continuo padecer, não ganha se não sobresaltos; a cada passo lhe parece encontrar um agarrador; e a lembrança do castigo que o espera o martirisa moralmente.

É assim triste e lamentavel é a sorte do escravo!...

E entre tanto o recruta brasileiro pouco differe dessa desgraçada condição!....

Comparemos.

A África, quanto ao trafico, está para o Brasil na razão das provincias do Imperio, e particularmente as do despresado norte, para a corte, quanto ao recrutamento.

É das provincias do norte que sempre se tem extrahido, e que ainda se extrai a maioria dos recrutas, para o exercito, e para a marinha: ha como que uma ogriça contra o norte, um desejo de despovoal-o: é elle considerado a Africa da corte.

Vejamos como se faz o recrutamento.

Os regulos das provincias, agentes da corte, são nellas os negociadores de recrutas: para os agarrar cobrem todo o territorio de satellites deshumanos e barbaros, movidos do vil interesse de 4 ou 5\$ rs. por cabeça, estes instrumentos cegos não hesitão em agarrar a quem quer que seja: não se respeitão exemptions.

O homem casado, o viuvo com filhos, filho unico de viuva, o velho, o menor, tudo enfim é arrastado ao supplicio da chibita, que é mil vezes pior do que o do azurrague; porque se este avilta, aquelle avilta, e mata.

Para este fim emprega-se a força: abre-se uma campanha traiçoeira contra as famílias, tolerão-se violações do asilo a qualquer hora sem respeito as leis: furtos, mortes, roubos, prostituições, e vinganças inúmeras, passão impunemente!

No estado em que está o Imperio, dividido em partidos, e regido por um governo exterminador, tyrannico, barbaro mesmo, que provoca a guerra interna para atizar uma provincia, e consita a externa para criar um exercito superior a possibilidade do paiz, o lado que lhe é adverso é o soffredor, é o martyrisado: é sobre quem pesa o imposto de sangue, a cassada de homens; porque a sim exige o feroz instincto desse governo demonio, que quer perpetuar o seu dominio despotico sobre a ossada dos seus adversarios, para quem não há leis, não há direitos, não há garantias.

Esse governo pois e seus agentes, fazem no Brazil a mesma figura, que n'africa representão o regulo, e o comprador de escravos: elle insita a guerra, e compra o recruta, tudo para assegurar a sua conservação no poder, a que tem tanto aferra e ambição como o negro as bugigangas porque sacrifica o seu semelhante.

O recruta como o escravo, é manietado com cordões, e pesados troncos de madeira, e até (que horror!) enquerido em couros, e assim conduzido dos sertões, morto a fome; e coberto de trapos, a presença do agente negociador do infernal governo, que o manda inspecionar e examinar phisicamente, como se faz ao escravo, e apurado é lançado por tempos em imundos calabouços, onde ganha orillações, e fic' entanguido de miseria, até que encorrentado é conduzido aos portos de embarque, sem lhe valerem as excepções legais, nem tão pouco as lagrimas e lamentos do pai, da mãe, da esposa, dos filhos, e dos irmãos, orfãos, que perdem nelle o unico arrimo, e vidados atirão-se aos vicios e a infamante prostituição irremediavel em sua desventura, cobrindo de maldições os tyrannos que os desgraçãõ.

Nesses portos, ainda como o escravo, é o miseravel recruta lançado a esmo nos purões, dos navios, que o transporta á terras estranhas; e se tem a felicidade de escapar nessa viagem, em que, maltratado e sujeito ao rigor de cruentos despotas, muda de hábitos, de costumes, e de clima, lá vai cahir no dominio, não de um senhor, mas de tantos quantos são os superiores, desde o ansepeçada até o general.

E quando o homem atormentado devia contar com algum alivio em seus padecimentos, eis que por qual quer descuido, pela menor falta, pela mais leve inadvertencia ás regras do serviço; por qualquer desvio contra os caprichos dos superiores, vê alçada contra si, tangida desapiadadamente por braços vigorosos de mil algemas, a dura caxibata, que com rigor lhe arranca as carnes, e muitas vezes o leva a sepultura!

Se o homem dest'arte conduzido ao aviltament' por uma lei de sangue, que o entrega ao arbitrio illimitado de tantos despotas anhedos, que lhe abatem os brios, e o poem ao nivel da mais estrota escravidão, bucca na fuga, como o negro, revendicar a sua per-

didão, ou usurpada liberdade, lá o espera o trabalho forçado, cu o fuzil do seu companheiro de martyrio!

É assim que o brasileiro, o portista especialmente, pelo abuso da força, ve-se constrangido ao que se chama—serviço da nação—que alias devia ser sempre livre e voluntario, e com effeito o seria, se um governo philantropo, e verdadeiramente nacional fosse o regedor dos destinos do Imperio.

Nem ao menos o homem, por tal forma escravizado, pode contar com a promessa da lei, de servir por um certo tempo; porque vê esse tempo correr, passar, duplicar-se, e ir alem, sem que o governo traidor, e arbitrario cure jámais de satisfazer aquella promessa!

Oh! quanto isto é triste!...

E qual vem a ser o commum resultado de tantas injustiças, de tantas tyrannias?

Eil-o.

Assim como o escravo que por velho, estropeado, e inutil é expellido da casa do barbaço senhor, á mendigar da caridade publica com que mantenha os ultimos dias de uma vida infeliz, consumida no serviço do tyranno ingrato, que só o abandona para não carregar com o peso da villice d'aquelle que lhe encheo a bucca, e isso quando o desgraçado não pôde mais nem guiar seus vacillantes passos, por se ver ex-usto, e permatamente envelhecido, e acobrunhado do contínuo trabalho, e do esmoite, que lhe arrançou as forças, e lhe rasgou as carnes, cujas cicatrizes ainda o fazem verter lagrimas de dor, acaba na miseria e no desamparo, assim o recruta, depois de inutilizado, cortado da caxibata, arrebatado do peso das armas, e morto pelo ferro do inimigo, recete em paga do sacrificio de sua vida, do gasto de sua mocidade uma escusa do serviço, que não importa menos do que mandal-o morrer a mingua, dando-se lhe um documento para provar a tyrannia, a desumanidade, e a ingratição do governo a quem servio vinte, trinta, e mais annos!

E o homem que poderia ter vivido, e morrer fructuoso na regaça da naz, e no seio de sua familia a felicidade de de uma existencia, ainda que pobre, mas venturosa, é obrigado a arrastar os seus ultimos dias no abandono e no desgraço; e muitas vezes, após do velho escravo, estendido como elle, a mão para pedir por caridade uma esmolla a aquelles mesmos que lhe delacerarão as carnes; e esta lhe é negada!....

Oh! miseravel com effeito é a sorte do infeliz recruta brasileiro!....

E quanto não compunze, quanto não contrista o coração do homem livre e sensivel ver, que no modo, no tratamento, e no resultado tanto se assemelhaõ o recrutamento, e a escravidão?!....

Não: não quero ir adiante com as minhas comparações. Basta: para o meu fim, basta.

Homens do governo! tyrannos fratrecidas! barbaros negociadores de carne humana! até quando continuareis nessa carreira nefasta de crueldades e immoralidades?! Destrai, milhoral, os vossos olhos do vosso systema de recrutar, que tanto se aproxima a essa forma infernal de escravizar o africano livre. Garantid a promessa com que embais ao vosso irmão quando o forçais a um serviço alheio as suas inclinações. Ao segurar o futuro do homem, que arrastastes ao mata douro, e que mutilado escapou ao ferro do inimigo.

Ministros! dizei-me:

Quereis soldados briosos, e principiaes por nivellal com o escravo?!

Praticaes com os vossos irmãos e mesmo que consentis que se pratique com o homem d'africa, e exigiades delles dedicação e amor?!

Que amor, que fidelidade pretendes que tenhaõ ao vosso systema infernal esses homens, que soffrem, e que de todos os lados, e a cada passo ouvem bradar-lhes—sols livres, e vos estão escravizando; não é a nação que defendeis, é os caprichos dos despotas! fazei guerra aos tyrannos, e libertai vos com a nação?!

Ministros insensatos! não vos illudae. O povo brasileiro de 1851, não é mais o antigo povo colonial: no norte, como no sul, o povo sabe que é soberano; e o recruta é filho do povo.

Sim, não vos illudais! senhores da actualidade, retrocedei!.....

Em quanto é tempo evitaí o abismo insondavel, a cujas bordas vos achaes!

Trem i a lava ardente do vulcão que tendes posto em combusão!

O povo é na verdade generoso e clemente: já tendes disso provas; mas a paciencia tem limites, e deveis tremer ante as iras de um povo caçoado de sofrer e esperar.

Se não rell-tirdes; se não vos arrependdes dos vossos erros; se não vos lembardes que o que sois o deveis ao povo, o qual, quer na paz, e no descanso constituir-se de firma a poder gosar das vantagens da terra, em que a Providencia o collocou; se não vos lançardes nos braços de vossos irmãos, que vos querem arrancar da infamia em que vos achaes mergulhados pelo poder do ouro estrangeiro, exturquido das fontes vitas desta nação hospitaleira, a quem se rouba o commercio, e a industria- e se arrasta agrilhoada para o embrutecimento e a escravidão, considerai como infalivel.

Que o dia da redempção do povo, será o vosso dia de juizo!.....

PUBLICAÇÃO APEDIDO.

EU TAMBEM SOU INFELIZ.

Presia em resposta á do meu amigo o Illm.

Sr. Constantino Joze Gomes de Sousa, que tem por titulo O Infeliz.—e inserta na Grinilda, e transcripto no Diario do Rio de Janeiro—

Mon ame blessé, mon sein sanglant... hélas! j'ai reconnu trop tard que le plaisir est le pré-curseur de la douleur.

(Lord. Byron: Chant d'amour romain.)

I.

Reina profundo silencio
Pela natureza inteira,
Cicia a brisa fagueira
Pel as ramas do arvoredo;
Vai a Lua pel o céu,
Pallida luz derramando,
E volta em prateado véo
E a meditar convidando.

II.

Das diurnas afadigas

Dorme tudo descansando;
E nem poder ha que ao mando
Do somno não obdeça:
Mas eu, que estou a soffrer
N'almas agudas afficções,
Sou alheio á tal poder,
Lutando á taes impressões.

III.

Longas horas há que penso,
E penso em meu padecer....
Ah! não posso mais soffrer
Tanta dor, tanta agonía....
Correi lagrimas.... correi....
E correi com liberdade,
Que achar alivio não sei
Para tamanha anciedade!...

IV.

Já minha Lyra não canta
Entre canções de amor;
Tristes accantos de dor
Só de suas cordas tira:
Já não sabe mais cantar
Hymnos á doce amizade,
Sabe apenas suspirar,
Presa aos grilhões de saudade.

V.

Querido G'm's não penses
Seres sem-te o infeliz;
Sei tu bem a sorte quiz
Comgo cruel, mudraste;
Longo da patria, que adoro,
Que é todo o meu pensamento
Eu tambem suspiro, e choro,
Choro lagrimas a cento....

VI.

Li as notas melodiosas
De tua Lyra celeste,
Que de lucto se-reveste,
Que de maguas se-atavia;
Como a tua a minha Lyra
De dó, de magua cercada,
Com terço accento suspira
De angustias assoberbada.

VII.

Fado adverso de ha muito
Segue constante meus passos,
De ha muito que n'os seus braços
Me-estrelta a negra afficção;

Mas n'um coração amigo
Que avalla a desventura,
Sempre encontrei doce abrigo
P'alguns males achei cura.

VIII.

D'esses amigos de outr'ora
Alguns ingratos me são;
Tambem o meu coração
Fementidos illudirão:
Esses males, que vos seguem
Com tamanha assiduidade,
São males que me perseguem
Co'a mesma tenacidade.

IX.

N'estas estranhas regiões,
Aonde a meu pesar vivo,
Não ha um só luctivo,
Que quebrante minhas dores;
Aqui meu pesar recresce
Cada vez... de dia em dia,
Como se fim não tivesse
Toda a dôr, toda a agonia.

X.

Do ente que mais adoro
Tambem vivo separado,
Amargurando o meu fado
Maldizendo o meu viver;
Supporta, pois, caro amigo,
De tua sorte o rigor,
Arrasta teu fado imigo
Que ha de ter fim tua dor.

XI.

Longe dos doces agrados
Das caricias maternais,
Longe do que adoro mais
Meu saudoso coração,
Vive nutrida minha alma
Pel o fantasma da esperança,
Que meu espirito acalma
Com promessas de bonança.

XII.

Ah! talvez que em breve brilhe
O santelmo salvador,
E que aos arquejos da dor
Se succedão presentelros
Extasis de felicidade...
Nas mãos do Supremo Deus
De prodigio, e de bondade

Deposito os dias meus.

O. iras 17 de Janeiro de 1851.

J. M. Pereira de Alencastre.

Ao Illm. Sr. Tenente Coronel Joze Mauricio da Costa Pestana, preso na Cadeia de Oeiras.

SONETO.

De firino rancor, brutal, injusto,
Victima infelis, gemes perseguido
Nesse carcere donde consumido
Teus clamores ouvir, fazes a custo.

Ah! Não succombas, animo robusto;
Oppom te sempre ao monstro desabrido,
Que para o innocente, o opprimido,
Ha Juiz vingador, Supremo, e justo.

Se da inveja esses filhos monstruosos,
H je damnão com rábida violencia,
Os dias teus, á Patria proveitosos,

Ao longe vê do Vate a Previdencia,
Cotôr te entre amigos numerosos,
A Liberdade, e a candida Innocencia.

Por M. C. Castellbranco. e Silva

Anuncia se a publicação de um jornal de baixo do titulo=RECREIO LITERARIO= Periodico Literario e scientifico, que sahirá uma vez por mez em folheto com 8 e 16 paginas. Assignaturas a 4\$000 annues, pagos na entrega do primeiro numero que sahirá no corrente mez; as assignaturas recebem-se nesta Typographia.

=====A T T E N Ç Ã O. =====

Na Loja do Tenente Angelo Custodio Ferreira na rua do fogo, ainda existe á venda um resto de vigéssimos da Loteria do Rio de Janeiro; na mesma loja continua a chegar com muita regularidade pelos correios da Bahia numeros das loterias acima, Quem se não arriscará aos 20:000:000? no mesmo estabelecimento tem á venda grammaticas das linguas Nacional, Franceza, Inglesa, e Latina.